



*REP's - Revista Even. Pedagóg.*

Número Regular: Caminhos no/para o ensino e aprendizagem de Língua Inglesa em espaços escolares

Sinop, v. 8, n. 2 (22. ed.), p. 645-665, ago./dez. 2017

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

---

## AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NOS CICLOS DE FORMAÇÃO HUMANA<sup>1</sup>

**Anne Caroline dos Santos Nascimento**

Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop/MT, Brasil

### RESUMO

Este artigo trata da função dos Ciclos de Formação Humana e sua concepção de avaliação da aprendizagem por meio de uma avaliação utilizada de modo contínuo e não como produto final do processo ensino-aprendizagem. Na realização da investigação, utilizou-se o método qualitativo de pesquisa, por meio de entrevistas e diálogos abertos com professores, alunos e coordenação pedagógica de uma escola estadual, no município de Sinop – Mato Grosso. Concluiu-se, deste modo que há resistência e concepções de educação tradicional que ainda estão internalizadas em docentes e coordenação pedagógica; porém, os alunos indicaram que a escola campo de pesquisa trabalha, dentro de suas possibilidades para cumprir com a proposta pedagógica dos Ciclos de Formação Humana.

**Palavras-chave:** Educação. Ensino-aprendizagem. Ciclos de Formação Humana. Avaliação.

### 1 INTRODUÇÃO

A avaliação da aprendizagem está relacionada, diretamente com a função do professor. Isto porque serve para indicar se os objetivos foram alcançados, bem como indicam o desempenho dos alunos em determinada metodologia aplicada no processo de ensino-aprendizagem e o docente avalia também o seu próprio

---

<sup>1</sup> Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NOS CICLOS DE FORMAÇÃO HUMANA**, sob a orientação do Dr. Josivaldo Constantino dos Santos, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2016/2.

trabalho. Deste modo, é importante que não se limite o conceito de avaliação à prova escrita e à nota ao final de um determinado período letivo, pois a avaliação deve estar presente em todos os momentos do cotidiano escolar, com o objetivo de garantir a aprendizagem do aluno.

Para tanto, abordamos no segundo capítulo a avaliação da aprendizagem, seus conceitos, funções e modalidades, bem como, quais possibilidades de mudança no processo ensino-aprendizagem a avaliação proporciona ao trabalho docente, além disto, buscamos compreender a avaliação da aprendizagem como meio de proporcionar ao aluno a aprendizagem da qual tem direito, de modo que esta avaliação possa ser vivenciada no processo e não apenas como produto final.

No capítulo três, apresentamos uma abordagem histórica referente aos Ciclos de Formação Humana; diante disto, proporciona-se uma análise teórica sobre as práticas avaliativas propostas pelos Ciclos.

No quarto capítulo, apresentamos a pesquisa de campo, a qual se direcionou a uma escola estadual, no município de Sinop – MT, que nos possibilita uma reflexão sobre como os Ciclos é compreendido no ponto de vista de alunos, matriculados na 2ª fase do 3º Ciclo, atualmente 8º ano, professores e coordenação escolar, concluiu-se que os Ciclos de Formação Humana caracterizam-se por priorizar um processo de ensino-aprendizagem significativo e de cunho avaliativo que possibilite diagnosticar e conceder plano de apoio pedagógico ao aluno com defasagens de aprendizagem - na escola-campo de pesquisa, este apoio pedagógico é referente à alfabetização dos alunos, indiferente de sua idade.

## **2 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: conceitos e funções**

O papel que a avaliação passou a ter na escola vincula-se ao processo histórico de distanciamento da escola em relação à vida, em relação à prática social. Segundo Freitas (2003) esse afastamento foi ditado por uma necessidade ligada à formação social capitalista como apoio ao sistema de produção por ser necessário à educação fragmentada e acelerada dos alunos, de maneira propedêutica; deste modo, por meio de um ensino verbal e por série, por ser a maneira mais simples e mais conveniente de atender a necessidade de uma sociedade capitalista. O autor destaca que:

Convencionou – se que uma certa quantidade de conhecimento devia ser dominada pelos alunos dentro de um determinado tempo. Processos de verificação pontuais indicam se houve ou não domínio do conhecimento. Quem domina avança e quem não aprende repete o ano (ou sai da escola). A necessidade de introduzir mecanismos artificiais de avaliação (prova, testes, etc.) foi motivada pelo fato de a vida ter ficado do lado de fora da escola. Com isso ficaram lá também os “motivadores naturais” para a aprendizagem, obrigando a escola a lançar mão de “motivadores artificiais” – foi desenvolvido um sistema de avaliação com notas como forma de estimular a aprendizagem e de controlar o comportamento de contingentes cada vez maiores de crianças que acudiam à escola e tinham de ficar dentro delas, imobilizados, ouvindo o professor. O isolamento e o artificialismo da escola levaram a uma avaliação igualmente artificial (FREITAS, 2003, p. 27-28).

Para Freitas (2003), o fenômeno da avaliação em sala de aula tem pelo menos três componentes. O primeiro aspecto é o lado “Instrucional” sendo este o mais conhecido método utilizado para avaliar, onde se avalia o domínio de habilidades e conteúdos em provas, chamadas, trabalhos, atividades, entre outros. Deste modo, avalia-se o que o aluno aprendeu. Mas este não é o único aspecto da avaliação nem o mais importante, existem outros aspectos.

O segundo aspecto, constitui-se pela avaliação do “comportamento” do aluno em sala de aula, sendo um poderoso instrumento de controle em ambiente escolar, já que permite ao professor exigir do aluno obediência às regras. O poder desta exigência está ligado ao primeiro aspecto que é a avaliação da instrução, pois o professor pode reprovar o aluno, por meio das provas e das notas o que gera uma submissão do aluno por meio de seu comportamento em sala de aula, bem como instiga sua participação e interação aos conteúdos propostos.

O terceiro aspecto, o autor denomina como “Avaliação de valores e atitudes”. Ocorre cotidianamente em sala de aula e consiste em expor o aluno a reprimendas verbais e físicas, como comentários críticos e até humilhações perante aos outros alunos, ou perante a classe, criticando seus valores e suas atitudes.

Segundo Freitas (2003), a avaliação ocorre em dois campos: o “formal” e o “informal”. No plano da avaliação formal estão as técnicas e os procedimentos palpáveis de avaliação, com provas e trabalhos que geram uma nota. Na avaliação informal, estão os juízos de valores, invisíveis, mas que influenciam os resultados das avaliações finais, tendo sido construídos pelos professores nas interações diárias e estas interações, podem acabar fazendo com que os professores, se não

forem preparados para lidarem com tal situação, decidam sua metodologia de ensino por meio do juízo de valor, criado por ele mesmo, sobre a turma ou sobre um determinado aluno, onde começa a ser encaminhado o futuro dos alunos, para o sucesso ou para o fracasso. Quando a avaliação formal entra em cena, a avaliação informal já atuou no plano da aprendizagem de maneira que interfere nos resultados de nota final de provas escritas e de avaliação dos alunos.

De acordo com Sant'anna (1995) a avaliação apenas faz sentido quando se aplica de maneira mais justa e mais humana. O professor é um educador. Educação é um ato essencialmente humano. É fundamental ver o aluno como um ser social e político sujeito do seu próprio desenvolvimento. Não é necessário, portanto, que o professor mude suas técnicas e seus métodos de trabalho, mas sim que o docente inclua o aluno ao processo de ensino-aprendizagem, por meio de uma ação interativa que possa promover uma ação libertadora, que permita ao aluno uma vivência harmoniosa com a realidade pessoal e social que o envolve.

A partir disto, a prática avaliativa se tornará compreensível ao ponto de vista do educando que fará parte, juntamente com a comunidade escolar, de todo o processo, tanto de decisões, quanto análise das práticas avaliativas e dos resultados obtidos, concluindo quais caminhos foram proveitosos, quais caminhos aderirem e quais evitarem. Diante desta perspectiva, podemos mencionar que:

[...] pode-se dizer que ser professor na linha tradicional é até mais fácil do que na nova perspectiva: a ele cabe saber a matéria; programar o que irá apresentar aos alunos; transmitir em aula o que está previsto (e escrito nos livros); e depois cobrar nas provas da mesma forma como ensinou. Nelas, quem demonstrou que aprendeu... aprovado, quem não... reprovado, e repete tudo. E a missão do professor "cumprida"! (MORETTO, 2000, p. 111).

Para que o ensino se torne eficiente e eficaz, Moretto (2000) considera que o professor precisa conhecer o contexto dos alunos, bem como, saber ancorar os novos conhecimentos propostos pela escola, possibilitando uma linguagem compreensiva, adequada e contextualizada aos alunos bem como, priorizar métodos de ensino que instigue a uma aprendizagem significativa para o aluno, de acordo com suas vivências.

Segundo Haydt (1997), durante muito tempo, o termo avaliar foi usado como sinônimo de medir. Isso aconteceu principalmente na década de 40, mediante ao

aperfeiçoamento dos instrumentos de medida em educação, incluindo o grande impulso dado á elaboração e aplicação de testes. No entanto, logo transpareceu as limitações de tal abordagem, mediante ao fato de que, em educação, nem todos os aspectos podem ser medidos. A partir de 1960, o termo *Avaliação* tornou-se destaque na literatura especializada, assumindo novas dimensões. Isso se deveu, principalmente, aos grupos de estudo que foram organizados nos Estados Unidos, nessa década para elaborar e avaliar novos programas educacionais. Primeiramente, o termo *Avaliar*, destacou-se na esfera da avaliação de currículo, de gestão, expandindo-se depois para as demais áreas, como no caso da avaliação do processo de ensino–aprendizagem.

É responsabilidade do professor aperfeiçoar suas técnicas de avaliação, bem como reconhecer no aluno um ser que pode interagir no processo de construção de sua própria aprendizagem. Sant’anna (1995, p. 7-8) adverte:

Frequentemente o termo avaliação é associado a outros como exame, nota, sucesso e fracasso, promoção e repetência. [...] em decorrência de uma nova concepção pedagógica, a avaliação assume dimensões mais amplas. A atividade educativa não tem por meta atribuir notas, mas realizar uma série de objetivos que se traduzem em termos de mudanças de comportamento dos alunos. E cabe justamente à avaliação verificar em que medida esses objetivos estão realmente sendo alcançados, para ajudar o aluno a avançar na aprendizagem.

A forma como a avaliação se organiza e se desenvolve nas salas de aula, nas escolas ou nos sistemas educacionais é indissociável das concepções que se sustentam acerca da aprendizagem. O homem, ser limitado e inacabado e que precisa interagir com o outro e com o meio para se desenvolver integralmente (Em suas dimensões biológicas, psicológicas (cognitiva e afetiva), sociais e espirituais, pois estas dimensões não se desenvolvem isoladamente); está condicionado aos valores da sociedade construídos e reconstruídos permanentemente.

O termo *Avaliar* tem sua origem no latim, procedente da composição *a-valere*, que quer dizer “dar valor a...”. Mas, o conceito avaliação caracteriza-se por “atribuir um valor ou qualidade a alguma coisa, ato ou curso de ação...”, que, por si, indica um posicionamento positivo ou negativo em relação ao objeto, ato ou curso de ação avaliado. Deste modo:

[...] o ato de avaliar não se encerra na configuração do valor ou qualidade atribuídos ao objeto em questão, exigindo uma tomada de posição favorável ou desfavorável ao objeto de avaliação, com uma conseqüente decisão de ação [...]. E o posicionamento a favor ou contra o objeto, ato ou curso de ação, a partir do valor ou qualidade atribuídos, conduz a uma decisão nova: manter o objeto como está ou atuar sobre ele. A avaliação, diferentemente da verificação, envolve um ato que ultrapassa a obtenção da configuração do objeto, exigindo decisão do que fazer *ante* ou *com* ele. A verificação é uma ação que “congela” o objeto; a avaliação, por sua vez, direciona o objeto numa trilha dinâmica de ação. (LUCKESI, 1998, p. 92-93).

O aluno não vai para a escola escutar aula. Para Demo (2004), o aluno precisa reconstruir conhecimento e arquitetar sua cidadania integral (corporal, emocional e espiritual). Sala de aula, antes de tudo, deve ser pensada como ambiente de estudo e pesquisa, pela simples razão de que a pesquisa é o ambiente da aprendizagem. A pesquisa não é atividade eventual, nem mesmo pode ser aquilo que acontece de vez em quando porque a pesquisa é a dinâmica da aprendizagem é o que move o saber. A finalidade da avaliação, portanto, visa cuidar todos os dias deste processo, de maneira que:

Muda a função do professor. Não é transmissor de conhecimento, porque sua função não é instruir, mas educar, formar. Seu desafio socrático emerge com toda força: é de provocação, orientação, instigação, sobretudo de “cuidado”. Cuidar da aprendizagem traduz, ademais, a integralidade do processo de aprendizagem, que nunca se reduz ao aspecto racional lógico. Está em jogo a formação da personalidade humana como um todo. Quando usamos o conceito de “saber pensar”, é crucial não reduzir a diatribes formais, como se “cabeça” fosse tudo, até porque o cérebro não detém apenas o centro da racionalidade. Detém, na mesma importância, o centro da emoção e da espiritualidade. Nisto também a nota é uma caricatura triste, porque se prende a algo no fundo totalmente equivocado, que é a reprodução copiada de conhecimento copiado. (DEMO, 2004, p. 75).

Demo (2004) permite refletir que, em detrimento ao docente renunciar a avaliação, esta será necessária para que este venha aprimorar a sua prática avaliativa, sob todos os ângulos: saber observar o aluno como um todo; ler a alma do aluno, suas emoções e expectativas; usar de maneira coerente e sábia, todos os instrumentos de avaliação quantitativa e qualitativa. Desta maneira, o professor colabora para resgatar o direito do aluno de aprender, bem como promove a sala de aula como um ambiente instigador de conhecimento, agindo como educador e com total confiança dos alunos.

## 2.1 MODALIDADES DE AVALIAÇÃO: diagnóstica, formativa e somativa

Basicamente, a avaliação constitui-se de três funções: Diagnosticar, controlar e classificar. Relacionadas a estas três funções, Haydt (1997) descreve as três modalidades de avaliação: Diagnóstica, Formativa e Somativa.

A Avaliação Diagnóstica, intencionalmente acontece antes da ação, no intuito de avaliar qual é o desempenho do educando referente ao processo de ensino, para que se possa desenvolver o currículo escolar em função do que foi diagnosticado.

Para Haydt (1997, p. 16-17):

A avaliação diagnóstica é aquela realizada no início de um curso, período letivo ou unidade de ensino, com a intenção de constatar se os alunos apresentam ou não o domínio dos pré – requisitos necessários, isto é, se possuem os conhecimentos e habilidades imprescindíveis para as novas aprendizagens. É também utilizada para caracterizar eventuais problemas de aprendizagem e identificar suas possíveis causas, numa tentativa de saná-los.

Deste modo, a partir de uma avaliação diagnóstica segura, providências podem ser pensadas para estabelecimento de novos objetivos, e estratégias de ensino para contribuir para o processo de ensino-aprendizagem.

A Avaliação Formativa, segundo Sant'anna (1995, p. 34) “É realizada com o propósito de informar o professor e o aluno sobre o resultado da aprendizagem, durante o desenvolvimento das atividades escolares”. Permite também a localização de deficiências na organização do ensino–aprendizagem de maneira que se possa assegurar as reformulações necessárias e possibilitar o alcance dos objetivos. Caracteriza-se por acontecer durante todo o processo ensino-aprendizagem.

Por meio da avaliação formativa, o professor pode detectar e identificar deficiências na forma de ensinar, possibilitando reformulações no seu trabalho didático, visando aperfeiçoá-lo. Por esta razão Haydt (1997) afirma que a avaliação formativa faz parte integralmente do processo ensino–aprendizagem e, quando bem realizada, assegura que a maioria dos alunos alcancem o objetivo desejado e que, nesse sentido, a avaliação pode servir como meio de controle de qualidade para assegurar que cada ciclo novo de ensino, a cada etapa a percorrer, e durante o processo de ensino–aprendizagem alcance resultados tão bons ou melhores que os anteriores.

### A Avaliação Somativa, por sua vez:

com função classificatória, realiza – se ao final de um curso, período letivo ou unidade de ensino, e consiste em classificar os alunos de acordo com níveis de aproveitamento previamente estabelecidos, geralmente tendo em vista sua promoção de uma série para outra ou de um grau para outro (HAYDT, 1997, p. 18).

Sant’anna (1995) declara que a função da avaliação somativa consiste em classificar os alunos ao final da unidade, semestre ou ano letivo, segundo níveis de aproveitamento apresentados. E ainda, não apenas os objetivos individuais devem servir de base, mas também o rendimento apresentado pelos alunos; por exemplo, se o professor perceber que algumas questões ficaram incompletas nas atividades avaliativas, é necessário retomar o ensino de maneira que o conteúdo seja estudado novamente, pois se identifica que ainda não houve aprendizagem. Para Santos (2002), a avaliação somativa é caracterizada por uma abordagem tradicional de ensino, quando usada apenas como meio de reprodução, fielmente dos conteúdos estudados em sala de aula, pelo aluno. O que é essencial, nesta modalidade é a quantidade de conteúdo que o aluno consegue “armazenar” e reproduzir nas provas.

A avaliação somativa, segundo Santos (2002), também é denominada como avaliação tradicional e avaliação classificatória, visto que sua função é classificar.

A avaliação, portanto, assume, por meio de suas modalidades, diversas funções que contribuem para a organização do processo de ensino–aprendizagem. Deste modo, suas modalidades devem ser concretizadas de forma concomitante, e não dissociada; pois é desta maneira que se alcança com sucesso os resultados e a verdadeira avaliação que fará sentido e trará melhorias no sentido pedagógico ao processo de ensino–aprendizagem.

### **3 OS CICLOS DE FORMAÇÃO HUMANA COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA NO BRASIL**

Os Ciclos de Formação Humana, como consta em ESTADO DE MATO GROSSO (2001) defende a organização do ensino fundamental baseado nas descobertas atuais da Psicologia da Aprendizagem e apoia-se nas ideias de que cada criança tem seu jeito de aprender e ritmo próprio. A organização do ensino em



Ciclos de Formação Humana no Brasil iniciou na década de 80, quando vários Estados e Municípios reestruturaram o Ensino Fundamental, 1ª e 2ª series em um ciclo de dois anos que tinha como objetivo político reduzir os índices de evasão e reprovação nas séries iniciais. O princípio orientador dessas propostas era flexibilizar o tempo, possibilitando que o currículo fosse trabalhado num período maior, permitindo assim respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos.

Estas experiências, depois de passadas por alguns ajustes, mostraram que o currículo organizado por ciclos contribui efetivamente para a superação do fracasso escolar. Assim, os conhecimentos passam por um processo de construção e reconstrução contínuas e não por etapas fixas de ano letivo e séries com obstáculos como a reprovação, evasão e fragmentação em disciplinas isoladas que colocam o aluno, desde o início do processo escolar, num contexto descolado do seu processo de desenvolvimento percorrido.

Neste sentido, segundo Freitas (2003), os Ciclos de Formação Humana busca agir em contrapartida à modalidade seriada de ensino, no entanto, não deve resumir-se a este conceito, pois busca meios de incluir o aluno nas decisões e resultados das avaliações, além de buscar alternativas para auxiliar o aluno em suas dificuldades de aprendizagem, contrariando, assim, a escola seriada que retêm apenas o aluno quando o mesmo não alcança nota necessária para progredir de série, o que o faz repetir todo o processo de um ano letivo, com, basicamente, os mesmos métodos de ensino do ano anterior; além disto, sua principal diferença é que os tempos e espaços da escola são colocados a serviço de novas relações de poder entre o estudante e o professor, com a tarefa de formar com e para a vida. Segundo Paro (2001):

A justificativa dos ciclos não se reduz à superação da reprovação, mas não deixa de incluí-la ao propor a organização curricular e didática da escola de modo a adequá-la aos estágios de desenvolvimento da criança e do adolescente. Porque esses estágios de desenvolvimento não se contêm em períodos estanques delimitados pelo ano civil adotado pela seriação, é preciso a adoção de intervalos mais elásticos, com maior duração, no interior dos quais se possam desenvolver métodos adequados e organizar a apreensão de conteúdos culturais, respeitando o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo do educando, bem como prever a necessária flexibilidade, de modo a contemplar as especificidades de cada aluno (PARO, 2001, p. 50).

Deste modo, os termos Ciclos de Formação Humana e Promoção Automática não devem ser confundidos. No Ciclo de Formação Humana, segundo Freitas (2003), existe a Retenção Pedagógica ou Progressão Continuada, caracterizada por se utilizar métodos de auxílio ao estudante que promovam sua aprendizagem e sanem suas dúvidas com relação ao conteúdo estudado. A promoção automática, por sua vez, segundo Paro (2001) surge antes dos Ciclos de Formação Humana e o antecede em termos de proposição da história da educação brasileira; além disso, está ligada à propósitos alheios de promoção da qualidade do ensino, com propósito apenas de provocar a queda de estatísticas que denunciem alto nível de evasão e repetência escolar, nos vários sistemas de ensino o que tem levado governantes impopulares a lançar mão destas oportunidades ilícitas e nada pedagógicas para parecer que tais quedas tenham relação com alguma melhoria na eficiência escolar.

A possibilidade de organizar com maior nitidez a proposta de escolarização formal dos estudantes em modalidade de Ciclos de Formação Humana foi dada pela promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9394/96 em seu artigo 23:

A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não-seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar (BRASIL, 1996).

Franco (2001) destaca que no processo de formulação da Progressão Continuada, defende-se que esta se diferencia da Progressão Automática, pois se destaca como sendo uma ideia desgastada do meio educacional, devido sua forma de implantação no Brasil, por meio de resultados insatisfatórios, na maioria dos casos. A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9394/96, veio abrigar a ideia da organização da escolaridade em Ciclos. Assim, vários Estados e Municípios estão implantando ou reformulando propostas já existentes, recolocando a discussão que, na década de 50, voltou-se sobre a promoção automática e subsidiou a proposta da organização da escolaridade em Ciclos.

O autor menciona ainda que a proposta da promoção automática surgiu no início do século XX, mas as primeiras experiências concretas iniciaram a partir do final dos anos 60. As principais foram realizadas no Estado de São Paulo

(Organização em níveis, de 1968 a 1972), no Estado de Santa Catarina (Sistema de Avanços Progressivos, de 1970 a 1984), no Estado do Rio de Janeiro (Bloco Único, de 1979 a 1984). Na década de 80, diversos Estados implantaram o Ciclo Básico de Alfabetização – CBA (São Paulo, em 1985; Minas Gerais, em 1985; Paraná e Goiás, em 1988), acrescentando a essa proposta, outras medidas administrativas e pedagógicas. Deste modo:

Poli (1998), ao comentar as normas regimentais básicas aprovadas pelo Conselho Estadual de Educação de São Paulo, faz uma distinção entre a promoção automática e a proposta da progressão continuada. Segundo ele, a progressão continuada prevê três quesitos: “não prejuízo da avaliação do processo de ensino-aprendizagem; obrigatoriedade dos estudos de recuperação para alunos de baixo rendimento e possibilidade de retenção, por um ano, no final do ciclo. Se retirarmos esses três itens da progressão continuada, teremos a promoção automática”. (FRANCO, 2001, p. 36).

Franco (2001) declara que a organização da escolaridade em Ciclos, cujas experiências pioneiras surgiram na década de 60, representa uma alteração radical na organização escolar, convencionalmente estruturada em séries. Provoca, desta forma, alterações fundamentais na concepção de ensino, aprendizagem e avaliação, bem como, diferenciados níveis de resistência da classe docente e da opinião pública em geral; segundo o autor:

A existência, na escola, de uma proposta pedagógica conscientemente implementada, de suficientes estratégias de supervisão e acompanhamento do trabalho pedagógico, além de condições de trabalho adequadas, parecem fundamentais para o êxito de medidas dessa natureza. No âmbito do sistema de ensino, há necessidade da avaliação permanente dos resultados obtidos e das dificuldades encontradas, garantindo, assim, o fortalecimento da função social da escola. Sem o esforço conjunto dos gestores do sistema educacional, das unidades escolares, dos educadores e demais profissionais envolvidos, vinculado aos esclarecimentos feitos aos pais e alunos, mudanças tão radicais como a organização em ciclos poderão fragilizar, ainda mais, a estrutura e o funcionamento das escolas, causando prejuízos muito sérios aos processos de aprendizagem e constituição de sujeitos. (FRANCO, 2001, p. 51).

Franco (2001), ainda conclui que o Ciclo de Formação Humana é uma medida complexa que exige comprometimento político dos gestores, ampliação dos investimentos nos setores educacionais, bem como, cuidadoso acompanhamento do processo de aprendizagem para delineamento de intervenções, garantindo a apropriação, pelos alunos, dos níveis desejados de aprendizagem.

#### **4 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NOS CICLOS DE FORMAÇÃO HUMANA NAS VOZES DE ALUNOS, PROFESSORES E COORDENAÇÃO ESCOLAR**

A pesquisa, de cunho qualitativo realizou-se no ano de 2017, sendo nos dias 13, 16, 24 e 25 de Janeiro. A escola-campo de pesquisa foi uma unidade de ensino da rede estadual do município de Sinop - MT, a qual funciona com a modalidade de Ciclos de Formação Humana. Os sujeitos da pesquisa foram constituídos por alunos matriculados no 8º ano, professores, bem como a professora articuladora de aprendizagem e a coordenação escolar.

Iniciamos a pesquisa com duas professoras da escola-campo de pesquisa e também com a professora articuladora de aprendizagem da instituição. Começamos por interrogar a formação, tempo de atuação na docência, sendo que a Professora nº 1<sup>2</sup> é formada em letras e a Professora nº 2 é formada em Letras e em Educação Física; as duas são docentes de Língua Portuguesa e Língua Inglesa na escola. Com o objetivo de desvelar e compreender como as professoras e a escola tratam e praticam a avaliação em sala de aula, bem como as suas concepções sobre o processo de ensino-aprendizagem nos Ciclos de Formação Humana, direcionamos algumas perguntas, voltadas para os objetivos da pesquisa:

**(01) Professora nº1:** Eu avalio meus alunos a cada aula. Porque a aprendizagem, ela provoca mudanças de comportamento, certo? Então, cada atividade que você dá, cada tarefa, cada trabalho em sala, o seu aluno está sendo avaliado, certo? De que forma essa avaliação me ajuda... Porque é ali onde que o aluno... Ele está falho, eu vou preparar minha aula em cima daquilo que ele está falho, então, por isso que a avaliação ela não serve só pra avaliar o aluno, mas nós enquanto professores.

Pode-se compreender que existe uma preocupação da professora em analisar seu próprio trabalho, bem como, planejá-los de acordo com os resultados obtidos por meio desta análise. Segundo Vasconcellos (1998, p. 20):

---

<sup>2</sup> Não citaremos nenhum nome dos entrevistados para que possamos preservar suas respectivas identidades.

O desafio primeiro da avaliação é que deixe de atrapalhar o processo de ensino-aprendizagem e, depois, que comece a ajudar (pela captação das necessidades e compromisso com sua superação). Assim, no dia-a-dia escolar, as grandes questões presentes para o professor são: como saber se o aluno está aprendendo ou não? O que fazer para que venha a saber? E não “como dar nota?”, já que esta preocupação desvia a atenção do essencial. A rigor, as avaliações que os alunos vão fazendo são a expressão da síntese do conhecimento que atingiram. E se não chegaram a um nível satisfatório de síntese, não devem ser punidos, mas retrabalhados e solicitados a que elaborem uma nova, mesmo que retomem a anterior como ponto de partida. (VASCONCELLOS, 1998, p. 20).

No decorrer da entrevista, a Professora nº1 demonstrou que utiliza a avaliação com propriedade no processo de ensino-aprendizagem e avalia o aluno de diversas maneiras, além disso, a professora declarou que busca a participação do aluno no processo avaliativo de sua própria aprendizagem. Esta professora também demonstrou um conhecimento apropriado sobre a proposta dos Ciclos de Formação Humana, pois em sua concepção, cada aluno tem um tempo de aprender e também é necessário o empenho e a mediação docente.

A professora nº 2, por outro lado, embora demonstrasse trabalhar de maneira democrática com os alunos ao que se refere a avaliação da aprendizagem, mostrou-se também descontente com os Ciclos de Formação Humana e relatou que é a favor do método seriado de ensino, por conta da não retenção do aluno nos Ciclos. Ela acredita que os Ciclos de Formação Humana deixam muito a desejar em cumprir sua proposta pedagógica. Segundo ela:

**(02) Professora nº 2:** Eu sou defensora do método seriado, eu já trabalhei nos dois e eu prefiro seriado. Não é que é diferente a forma de avaliar, a mesma avaliação que tem aqui, tem lá, mas eu acho que... Não sei, talvez é uma particularidade minha, eu acho... Eu estudei a vida toda no método seriado e assim, pode dizer assim, ah, era o método decoreba, o aluno tinha que decorar as coisas, mas eu acho que quando era o seriado, os alunos se dedicavam mais, a partir do momento que virou esse ciclo de ensino, eu acho que virou um oba-oba, aluno que não faz mais o que tem que fazer; aluno que responde que sabe que não vai reprovar mesmo.

Podemos concluir, portanto, que na visão das professoras entrevistadas, os Ciclos de Formação Humana possibilitam tanto a flexibilização de ensino e

aprendizagem, como também ainda gera muita resistência por parte de professores que não conseguem abrir mão de práticas avaliativas como fim e não como processo que contribui e orienta as decisões sobre o processo de ensino-aprendizagem.

A entrevista com o professor Articulador de Aprendizagem<sup>3</sup> desvelou os desafios que existem para o cumprimento efetivo do apoio pedagógico para os alunos com dificuldade de aprendizagem, isto porque o atendimento no Laboratório de Aprendizagem realiza-se no período oposto de aula do aluno e alguns pais não podem levar seu filho para comparecer á escola neste período. Em alguns casos, o apoio acontece efetivamente, mas muitos alunos acabam não tendo acesso ao atendimento, existem muitos alunos que apresentam sintomas de transtornos que exigem um acompanhamento psicopedagógico, como dislexia, autismo, entre outros; mas como os pais não vão atrás do diagnóstico e do respectivo atendimento, o aluno fica sem o apoio adequado para sua necessidade.

**(03) Professora Articuladora de Aprendizagem:**[...] a partir do momento que a escola tiver um laboratório de aprendizagem para português, matemática, pedagogia e a gente tivesse, de fato, tempo pra trabalhar com esses alunos, conteúdos específicos do ano que ele está em defasagem, ótimo; só que tem que ter um investimento em professor, ele tem que querer ter professor pra trabalhar; um professor com 10h pra trabalhar com 100 alunos, não funciona. É uma maquiagem, é pura enganação “Ah, mas na escola tem o Laboratório de Aprendizagem”, tem! Mas e as condições de trabalho?! A quantidade de alunos por período?!

Além disto, a professora destacou que existe uma grande demanda no atendimento e que ela tem uma carga horaria ineficiente, pois só há um professor articulador. Diante disto, a professora mencionou que a função do Laboratório de aprendizagem é auxiliar os professores com relação aos alunos que não são alfabetizados, no que se refere aos alunos que possuam dificuldades de aprendizagem em relação às outras disciplinas, como geografia, história, entre

---

<sup>3</sup> Este professor trabalha com os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, com relação á alfabetização em qualquer idade e ciclo de formação que o aluno se encontra; estes recebem atendimento no Laboratório de Aprendizagem para que não sejam retidos de ano, ou em outros casos, para serem enturmadados com os seus pares da mesma idade.

outras, este acompanhamento não existirá, pois a partir deste suprimento de sua defasagem em alfabetização o aluno terá melhores condições de acompanhar as demais áreas de estudo. Com relação à entrevista dos alunos, foi possível compreender que eles se sentiam contentes, ao seu ponto de vista, com relação aos professores. Uma aluna mencionou:

**(04) Aluna nº 1:** Pra mim, o ensinamento dos professores é muito bom; eu entendo muito bem, são muito bom, eles facilitam muito assim, pra gente. Explicam super bem, facilitam muito. Alguns não passam prova, e passam trabalhos, é muito bom isso também.

A aluna nº 2 que recebe atendimento no laboratório de aprendizagem foi interrogada sobre como se dava o atendimento no laboratório de aprendizagem e se a discente notou melhoria no seu aprendizado, sobre o qual a aluna declarou:

**(05) Aluna nº 2:** Eu ainda estou com a professora articuladora, eu comecei e eu não sabia nada de matemática, daí eu saí e eu já aprendi um monte de coisa de matemática. Foi com ela que eu consegui aprender matemática. Ela passava atividade no quadro, depois passava no caderno, e explicava para mim e tinha umas pecinhas sobre multiplicação e ela passava as pecinhas para eu fazer e eu aprendi mais rápido, foi bem legal, ela me ensina.

Podemos, então, compreender que do ponto de vista discente, existe uma preocupação com a aprendizagem, uma preocupação relativa em entender o conteúdo estudado. Para elas, o professor tem papel importante em direcionar o andamento das atividades e em explicar, esclarecer suas dúvidas. O que nos remete à função formativa da avaliação, enquanto meio de conduzir o processo de ensino-aprendizagem, de maneira significativa para o aluno. Demo (2004, p. 13) enfatiza que:

Nossas máquinas funcionam de fora para dentro, como é o caso, até hoje pelo menos, do computador: precisa ser ligado, precisa de *hardware* e *software*, precisa de digitador, precisa de *upgrade* de fora, etc. Só faz o que se manda, só tem o que se coloca lá dentro. Assim também é o avião, por exemplo: voa sempre do mesmo modo, de fora para dentro. Pode ser

montado e desmontado de maneira linear. Já o corpo vivo não pode ser assim manipulado. As coisas não podem ser enfiadas nele, porque todo ser vivo, em particular o ser humano, pode aprender.

Portanto, cabe ao professor instigar o aluno na construção do seu próprio conhecimento, de maneira que contribua para que os objetivos de aprendizagem possam ser alcançados e diante disto, o processo de ensino-aprendizagem possa ser aprimorado de maneira que o aluno venha ser participativo na sua vivência escolar.

Para compreendermos qual a função do coordenador pedagógico, bem como, quais desafios existem para a gestão escolar em se cumprir com as demandas dos Ciclos de formação Humana, entrevistamos a coordenadora escolar, com o intuito também, de verificar como se dá a formação continuada de docentes dos Ciclos. Deste modo, ao ser interrogado sobre a questão da formação continuada dos educadores, a coordenadora respondeu apenas que:

**(06) Coordenadora:** No que se refere à formação está sendo bastante falho. Nesse ano de 2016, com toda essa mudança no sistema, com uma nova forma de registro de avaliação, nós professores não tivemos informações que nos dessem segurança para os lançamentos. Com mudança de governo e de profissionais na SEDUC<sup>4</sup> ficamos ansiosos por orientações de como proceder

Ao ser questionado se a coordenadora costuma ler sobre avaliação da aprendizagem, a mesma respondeu:

**(07) Coordenadora:** Sim. Costumo. Até porque é uma necessidade constante em nossa prática.

Diante disto, percebemos que a coordenadora compreende a importância de uma prática constante avaliativa para se alcançar os objetivos com relação ao processo de ensino aprendizagem. Sobre se a coordenadora considera notória diferença entre a avaliação da aprendizagem, entre os Ciclos de Formação Humana e o Sistema Seriado de ensino, a mesma enfatizou que:

---

<sup>4</sup> Secretaria Estadual de Educação do Estado de Mato Grosso.



**(08) Coordenadora:** Na verdade o que é notável é a forma de registro dessas avaliações, pois na escola seriada os alunos recebem nota. Percebemos que muitas escolas, em sua maioria, avaliam o aluno por nota, portfólio, seminário e outros. A principal diferença na avaliação entre a ciclada e a seriada é o fato do aluno na ciclada não reprovar. Reprovam por falta.

Aqui, foi possível perceber o fato de que a coordenadora limitou sua fala ao reduzir os Ciclos de Formação Humana ao fato de não reprovar, bem como, ao considerar que o registro de avaliação também difere entre a escola ciclada e a escola seriada. Aqui, de certo modo, podemos considerar que não há uma fala integral sobre esta distinção.

Ao continuarmos a entrevista e indagarmos a coordenadora sobre qual sua posição com relação aos Ciclos de Formação Humana e a política avaliativa proposta pelo mesmo, bem como sobre o que a mesma considera essencial com relação ao processo de ensino-aprendizagem, obtivemos a seguinte resposta:

**(09) Coordenadora:** Sei que é necessário considerar o tempo do aluno, pois há pessoas que aprenderam ler e escrever em diferentes momentos. Também considero importante considerar os avanços do aluno. O que não concordo é o fato de, por exemplo, um aluno que não sabe ler e escrever estar cursando um 6º, 7º, 8º ano; muitos passam do 1º ao 9º ano e não conseguem ler e produzir. Não foram nem sequer alfabetizados [...]. Com relação ao processo de ensino-aprendizagem, considero que o mais importante, acima de tudo é o planejamento.

Nestas falas, é possível perceber que, por mais que a coordenadora compreenda e trabalhe com os Ciclos de Formação Humana, demonstra uma insatisfação com relação aos meios de apoiar e oferecer atendimento de qualidade para os alunos com dificuldade de aprendizagem, isto porque existe o reflexo de aluno que “não está aprendendo”. Por outro lado, considera que, acima de tudo, o mais importante no processo de ensino-aprendizagem é o planejamento. Diante disto, é de fundamental importância que a escola compreenda que, diante de um planejamento específico para os alunos que apresentem dificuldade de

aprendizagem, existe a possibilidade de cada docente cumprir sua função enquanto possibilitadores e mediadores de aprendizagem.

## **5 CONCLUSÃO**

Embora os Ciclos de Formação Humana tenham como principal intuito, em sua proposta curricular fornecer ao processo ensino-aprendizagem uma interação participativa em seus aspectos avaliativos, ainda há, de certo modo, muita resistência, bem como pouco amparo advindo do poder público estadual, enquanto mantenedor desta modalidade educativa.

A avaliação da aprendizagem é necessária em todo o processo educativo, isto porque, por meio da avaliação, o professor avalia o seu próprio trabalho, o desempenho e interesse dos alunos, e se os objetivos foram ou não alcançados, em detrimento a uma avaliação que vise apenas a nota, ou utilizada em cunho de educação tradicional como meio de submeter o aluno às ameaças de ser reprovado, caso não cumpra determinadas ordens e comportamentos em sala de aula.

Os conceitos que permeiam a avaliação da aprendizagem, nos ciclos de Formação Humana, compreendem uma abordagem histórica dos Ciclos indicando sua importância enquanto proposta de proporcionar uma avaliação destinada a proporcionar uma aprendizagem eficiente aos alunos.

O que nos faz entender, mediante aos diálogos com professores, a existência de certo receio com relação a não reprovação dos alunos, pelo fato de compreenderem a retenção como meio pedagógico eficiente de correção de possíveis falhas no processo ensino-aprendizagem; de maneira que esta perspectiva entre em culminância com questões referentes ao processo de superação dos alunos que necessitam de apoio pedagógico para que conquistem com êxito, acesso à aprendizagem.

Deste modo, foi possível detectar, na escola-campo de pesquisa que embora exista de fato o apoio pedagógico destinado ao atendimento de alunos com dificuldades de aprendizagem e uma sala de aula apropriada para isto, a carga horária insuficiente de trabalho dos professores com relação à demanda de alunos que recebem o atendimento e o fato de alguns pais não terem condições de manter a presença de seus filhos no horário oposto das aulas, o qual é disponibilizado o

apoio pedagógico são fatores que atrofiam o objetivo de promover para grande parte dos alunos a superação de suas dificuldades de aprendizagem.

## EVALUATION OF LEARNING IN THE HUMAN TRAINING CYCLES<sup>5</sup>

### ABSTRACT

This article deals with the function of the Human Formation Cycles and their conception of evaluation of the learning through an evaluation used continuously and not as final product of the teaching-learning process. In the research, the qualitative research method was used, through interviews and open dialogues with teachers, students and pedagogical coordination of a state school, in the municipality of Sinop - Mato Grosso. It was concluded, therefore, that there is resistance and conceptions of traditional education that are still internalized in teachers and pedagogical coordination; however, the students indicated that the school field of research works, within their possibilities to comply with the pedagogical proposal of the Human Formation Cycles.

**Keywords:** Education. Teaching-learning. Cycles of Human Formation. Evaluation.

### REFERÊNCIAS

ALUNO N° 1. **Aluno n° 1:** depoimento [jan. 2017]. Entrevistadora: Anne Caroline dos Santos Nascimento. Sinop: UNEMAT, 2017. 1 f. Entrevista concedida para Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NOS CICLOS DE FORMAÇÃO HUMANA.

ALUNO N° 2. **Aluno n° 2:** depoimento [jan. 2017]. Entrevistadora: Anne Caroline dos Santos Nascimento. Sinop: UNEMAT, 2017. 1 f. Entrevista concedida para Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NOS CICLOS DE FORMAÇÃO HUMANA.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases n° 9394/96. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 de dez. de 1996.

---

<sup>5</sup> Resumo traduzido por Cintia Alexandra Bandeira Langer, graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus de Sinop – MT, no ano de 1996. Professora da Escola Municipal Lizamara Aparecida Oliva de Almeida, no município de Sinop – MT.

COORDENADORA. **Coordenadora:** depoimento [jan. 2017]. Entrevistadora: Anne Caroline dos Santos Nascimento. Sinop: UNEMAT, 2017. 2 f. Entrevista concedida para Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NOS CICLOS DE FORMAÇÃO HUMANA.

DEMO, Pedro. **Ser Professor é Cuidar que o Aluno Aprenda.** 3. ed. Porto Alegre: Mediação 2004.

ESTADO DE MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação. NAKATANI, Noelci Bertelli, WEIMER, Mabel Strobel Moreira (Coord.). **Escola Ciclada de Mato Grosso: Novos Tempos e Espaços Para Ensinar-Aprender a Sentir, Ser e Fazer.** 2. ed. Cuiabá, Mato Grosso: 2001.

FRANCO, Creso. **Avaliação, Ciclos e Promoção na Educação.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Ciclos, Seriação e Avaliação: Confronto de Lógicas.** São Paulo: Moderna, 2003.

HAYDT, Regina Cazaux. **Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem.** São Paulo: Editora Ática, 1997.

MORETTO, Vasco Pedro. **Construtivismo: A produção do conhecimento em aula.** 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

PARO, Vitor Henrique. **Reprovação Escolar: Renúncia à Educação.** São Paulo: Xamã, 2001.

PROFESSORA ARTICULADORA DE APRENDIZAGEM. **Professora Articuladora de aprendizagem:** depoimento [jan. 2017]. Entrevistadora: Anne Caroline dos Santos Nascimento. Sinop: UNEMAT, 2017. 8 f. Entrevista concedida para Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NOS CICLOS DE FORMAÇÃO HUMANA.

PROFESSORA N° 1. **Professora n° 1:** depoimento [jan. 2017]. Entrevistadora: Anne Caroline dos Santos Nascimento. Sinop: UNEMAT, 2017. 1 f. Entrevista concedida para Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NOS CICLOS DE FORMAÇÃO HUMANA.

PROFESSORA N° 2. **Professora n° 2:** depoimento [jan. 2017]. Entrevistadora: Anne Caroline dos Santos Nascimento. Sinop: UNEMAT, 2017. 1 f. Entrevista concedida para Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NOS CICLOS DE FORMAÇÃO HUMANA.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como avaliar? Critérios e instrumentos.** Petrópolis: Vozes, 1995.

SANTOS, Josivaldo Constantino dos. **Processos participativos na Avaliação da Aprendizagem**: Avaliação participativa. CEACD/Sinop-UNEMAT. Sinop, UNEMAT, 2002.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação da Aprendizagem**: Práticas de Mudança: Por Uma Práxis Transformadora. São Paulo: Libertad, 1998.

Correspondência:

**Anne Caroline dos Santos Nascimento**. Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: annenascimento.snp@hotmail.com

Recebido em: 17 de novembro de 2017.

Aprovado em: 05 de dezembro de 2017.